

IDENTIDADE E IDENTIFICAÇÃO

Mário Yahn*

RESUMO: A Identidade psicológica está no núcleo da personalidade. Reveste-se de liberdade e responsabilidade, também psicológicas e não operacionais. Envolve-a toda a exigência da cultura e da vida em sociedade. Aquela é preciosa sob o ponto de vista humano; esta, a cultura, é aleatória, caprichosa e instável na sua evolução e nas suas exigências no momento presente. Para identificar a Identidade, necessita-se de uma investigação centrípeta, que caminha de fora para dentro, rompendo o que o autor chama área operacional do Ego e área contínua do Ego. É depois desse caminhar e no centro do Ego que se situaria a *área livre* do Ego, termo adotado pelo autor, com o puro objetivo de procurar ser mais claro na sua exposição. Esta é a tarefa da micropsicologia, em oposição à macropsicologia, que consiste nas razões da atuação vulgar. "Não são as coisas em si mesmas as que transviam o homem, mas as nossas opiniões sobre as coisas. Não é a morte a terrível — pois para Sócrates ela não parecia tal — mas a nossa representação da morte." — Epicteto (Hirachberger — Hist. Filos. Antiga, V.I., pág. 223).

CAPÍTULO I

Definição, importância e comentários

"Identidade é a qualidade de ser o mesmo; igualdade". "Identificação: ato de igualar duas coisas, para que unidas fornecem uma só; absorção de uma coisa pela outra; integração de duas coisas de tal forma que se constituam numa só". São resumos, retirados da Enciclopédia Universal L.P.B., que se ligam ao nosso tema. "Pelo fato de os homens burlarem a identidade alheia, e falsearem a própria, é necessário para a boa distribuição da justiça e em benefício das relações sociais, que haja um serviço de identificação para que quando houver mister, possam ser reconhecidos". Embora possível a verbete, para nós basta este pequeno

trecho que ressalta a importância de se estender a identificação para além do campo social e das relações interpessoais. Sobretudo, no campo psicológico, a definição da identidade é muito mais complexa e difícil do que no social ou anatômico; assim qualquer contribuição neste sentido psicológico merece acolhida para melhor domínio do que o conseguido até a nossa época neste setor, onde a identidade psicológica ainda é incipiente e se confunde com enorme facilidade com identificação, não só pelos que, na sociedade, têm responsabilidade e autoridade, mas pelo próprio indivíduo, que desconhece sua identidade e é inseguro e inconstante nas próprias identificações.

(*) Membro Efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

Foi depois dos primeiros progressos da Psicanálise que se começou a conhecer a organização do aparelho psíquico (Freud) e, em seguida, a investigação com melhores esclarecimentos, sobre o que é identidade e identificação no sentido psicológico.

Sem a contribuição psicanalítica seríamos lançados num empirismo desenfreado, mais propenso a criar confusões do que esclarecimentos, porque seríamos estrangidos a investigar, partindo não de fatos claros, mas de sentimentos confusos, incapazes de se manterem voltados para um objeto definido como alvo. O psicanalista procura saber, admitindo toda relatividade possível, o que é amor, ódio, repulsa, pessoal e em si, sem se deter em razões explicativas no conjunto dos acontecimentos externos ou nas circunstâncias pessoais e afetivas ou não, que envolvem e comprometem as pessoas. A solução mais eficaz neste sentido tem sua procedência nos achados de Psicanálise, mas ainda é precária, porque esta ciência pode ser investigada em duas principais direções: 1) quando se investiga o sujeito, fato predominante na obra de Freud, desde o começo de suas pesquisas e 2) quando se investiga o objeto, fato predominante na obra de M. Klein, com o conhecimento dos objetos introjetados e projetados. Ambos dirigiram também para o outro lado as suas investigações, mas com menos ênfase, de medo que houve vários períodos em que se falou dos riscos da Psicanálise e de suas crises. No momento atual, a visão é bem mais ampla e mais sólida, e o que hoje se engloba ao objeto da Psicanálise vai muitas vezes além da Psicanálise. Pensamos que o conceito de conteúdo e continente, freqüentemente destacado por Bion, é uma síntese desses dois momentos. Historicamente, Freud começou pelo continente, o indivíduo e suas emoções, as cargas afetivas que marcavam sua vida interior. M. Klein continuou com a problemática dos objetos introjetados. Finalmente Bion, sem co-

locar o problema como procuramos fazer, lançou a noção de continente e conteúdo com possibilidade de reversão, pois que em desvios patológicos há, inconscientemente, um conteúdo com funções de continente e um continente reduzido às proporções de conteúdo. Os estudos sobre o Ego (Hartmann), com procura de uma identidade (Eisler) trazem noções bem mais avançadas sobre a natureza do Ego e os problemas da identidade e identificação em Psicologia.

Lembramos de passagem que a investigação dos instintos e sua ação sobre os objetos faz parte da micropsicologia e o estudo dos objetos, na predominância das suas relações entre si, faz parte da macropsicologia, como procuramos explicar em outro trabalho. Apenas, para destacar as dificuldades do que é a identificação e identidade no sentido psicológico, precisamos lembrar um outro particular caráter da natureza humana. O homem não nasce claramente identificado no sentido psíquico, como ocorre com a identidade anatômica. Pode submeter-se às identificações que lhe sejam propostas, com sacrifício de algo que já traz em si, como próprio, esboço de identidade psicológica, apresentada sob forma latente, predominante, com possibilidade de transformar-se em manifesta.

De fato, não poderíamos descobrir qualquer ramo do saber, desde a alfabetização até à Filosofia e a sua temática, se já não houvesse em nós essa disposição para saber, uma precognição do saber. Sem esse dom não estudaríamos qualquer ramo do saber, porque não faz sentido estudar o saber só pelo saber; na própria natureza humana há algo que nos anima ou mobiliza para lá. É esse aspecto que faz parte da macropsicologia, onde os múltiplos aspectos da curiosidade e das paixões são a motivação básica. Toda a inteligência, todo o progresso tem aí sua origem. Inclusive as razões morais de viver. Não teria nenhuma significação o julgamento moral da criança logo que se forma

a consciência, se ela já não fosse moral no sentido de fazer o que deve e o que não deve.

Se as idéias da beleza nos são despertadas pelo belo, — pelas obras de arte, e as do feio pelas obras que nos repugnam, é porque, em nós, essas idéias (ou sentimentos) preexistem antes de termos conhecimento do belo e do feio, do saber e da ignorância.

Dessa forma somos levados a admitir que esse Pré-conhecimento já existe em nós, vem conosco em quantidade e qualidade variável e é sua existência que abre o caminho da micropsicologia. Se ficamos satisfeitos com o objeto desejado e encontrado, apenas batemos na porta da micropsicologia e somos devolvidos — para o campo absorvente da macropsicologia. Só as pessoas muito dotadas e investidas de grande e imparcial curiosidade continuarão o mergulho para o interior, para a micropsicologia. Toda a cultura ocidental, com mais ou menos ênfase, prosseguiu e se fez no sentido da macropsicologia. A macropsicologia só foi revelada e ampliada com o advento da Psicanálise. Platão buscava a sua melhor crença no homem por admitir a existência inata das idéias, que com ele vinham, sem que o soubesse, de sua procedência da divindade ou de sua passagem por ela. Não desenvolveu seu pensamento nesta direção mas naquela, a filosófica, pela qual se procura conhecer melhor os homens pelas suas ações e pensamentos e não por aquilo que os inspirava e motivava. Sócrates, inspirado no "Conhece-te a ti mesmo", pronunciado pelo Apolo de Delfos, falou do assunto e fez o mesmo: não ensinou como chegar a esse conhecimento. A "maiêutica", que levava à exatidão, à franqueza e à independência completa na atividade do pensamento, foi mais descrição do que interpretação, mais macropsicologia do que micropsicologia.

Assim colocado o problema, e admitindo que alguns há com mais aptidões para transpor e prosseguir por esse cami-

nho centrípeto, ou da direção ou micropsicologia, muitos, a grande maioria, se voltam para o sucesso externo ou macropsicológico, onde predomina o conceito de valor. Foi tão poderosa essa fascinação, que grandes pensadores como o gênio de Kant, que analisou profundamente o poder do pensamento na busca da verdade, brada o imperativo categórico (farrás o que é certo sempre e à força de tanto fazer transformará isso num axioma. Esse brado é uma homenagem ingênua à macropsicologia e ao conceito de valor e um escotoma violento para que sobre o assunto não paire a micropsicologia. Assim, Kant daria leis à natureza humana sem consultá-la, como se as exigências de razão fossem as leis do comportamento humano.

Até então não é possível definir identidade e identificação psicológica na cultura ocidental. Freud abriu as primeiras possibilidades para a matéria ser reaberta, substituindo o método filosófico pelo psicanalítico. Quando Freud recomenda que não se aproxime ou confunda Filosofia com Psicanálise e faz séria advertência em relação àquela, já o seu gênio havia percebido o risco a que se expunha, pois seria entregá-la à racionalização e não à investigação, o que vinha acontecendo no curso dos séculos. Ao dirigir-se as pesquisas não para pensamento, mas para as emoções que o procedem, evitando com o máximo esforço aquele lado, criou sem o saber e sem o mencionar, a micropsicologia. Hoje sabemos qual o campo da Filosofia, que nada tem a ver com o campo da Psicanálise, sempre mais individualizado, e hoje já se pode pensar num outro tipo de filosofia, a filosofia das emoções, mais simplesmente, a filosofia da alma — por oposição à filosofia intelectual. Vê-se que as dificuldades para caracterizar identidade e identificação se adensam depois de considerar essas questões preliminares.

M. Klein está principalmente comprometida com os objetos introjetados e pro-

jetados (totalmente ou parcialmente). A dificuldade está na existência do "objeto interno". Não nos pareceu suficientemente adequada a imagem; pareceu-nos sempre mais certa a criação de funções internas presentes e ativas, decorrentes do contacto com os objetos. O primeiro conhecimento acessível à criança é a si mesma. É um conhecimento tranqüilo, talvez nem mesmo seja conhecimento. Ocorre durante a gestação, quando a dependência é máxima, pois a criança começa por ser um órgão da mãe, temporário, que evolui, modifica-se e torna-se completo para que entre ambas e por mútua necessidade, haja uma radical separação depois de certo tempo. Sem essa separação não prossegue a vida. Dessa forma, o desenvolvimento biológico se faz promovendo a integração e visando a autonomia. Se a identidade ainda não está completa, tudo se processou, se definiu, de acordo com a natureza, o tempo e a evolução, sem interferência exógena. Há, pois, uma identidade própria, autógena. É a manifestação precoce de mim mesmo, é a eu-identidade incipiente. Depois do nascimento, a existência das sensações, da dor e do prazer, "convergem" o mundo para própria criança, porque essas sensações se passam nela, são dela e são intransferíveis e indelegáveis, ainda que muitas razões possam existir para haver projeções e introjeções. Usando um certo artifício, diríamos na linguagem kleiniana que a criança, para formar a identidade, introjeta a si própria como objeto rudimentar. No sentido humano, o existir começa no nascimento, a identidade o precede e é radical desde o momento da concepção. A identidade fetal, por falta de consciência passiva e ativa do feto, é assegurada pelos pais, particularmente pela gestante, e prossegue assim muito tempo ainda depois do nascimento, enquanto a criança não pode de imediato tomar consciência dos acontecimentos do mundo externo e interno, o que é feito aos poucos, pois está ligada às possibilidades

da evolução. Nesta fase tudo gira em torno da Criança e tem o cunho específico do que lhe é próprio e de que consegue aprender. Há, pois, influências convergentes de duas fontes principais: interna e externa — que não devem, nem podem romper essa identidade, mas contribuem para melhor revelá-la. A identidade surge, pois, com o conhecimento vivido consigo, de si para si, sobre si, formando um todo coeso, integrado, comprometido de tal forma, que a própria noção de destino tem aí a sua origem e não alhures. Traze-mos conosco um destino, porque ele se planta naquilo que sou. De uma maneira pura nós jamais seremos outro. Descartes aproximou-se da noção de identidade, quando lançou o "Cogito ergo sum". A identidade não precisa do "cogito". Sem ele, ela existe. É um "sum", que não precisa de prova filosófica, porque, uma vez criado, é dele que tudo se origina e não precisa ser provado. O "cogito" apenas o confirma. Esta incerteza fatal do eu, do ser, da identidade, é a raiz de tudo o que o homem é, faz e será, embora venha sofrer enormes modificações.

Usando uma simplificação esquemática: o feto forma-se, evolui, nasce de um útero (ou mundo biológico), como se dele destacasse. Traz dele suas marcas essenciais, filo e ontogenéticas, quando é lançado num outro mundo, o externo, "o útero cultural", e começa um novo nascimento, evolução e destino, até dele se destacar de novo, com a morte. É, pois, uma evolução circular e não linear (Sorkin), que tem características próprias em cada ciclo: 1) aquelas com que nasce, manifestas ou latentes, que vão ser reveladas. A ambas se acrescentam ou se embricam depois. 2) outras, que lhe são justapostas (segundo ciclo); de procedência externa ou cultural. É o momento de parte que marca o primeiro "splitting", com a revelação da primeira e natural identidade que nos é dada para que se manifeste, depois, uma identidade revelada, transcendente e adquirida. Não falamos

em traumatismo do parto, expressão mais emotiva, que a criança sentiria. Falamos, sim, de transformações do meio externo, bem mais difíceis de suportar, com a observação de higidez natural às crianças nascidas em condições normais.

Quanto mais nos distanciamos desses momentos primitivos, quando o contacto com os fatos, com os objetos e com os sentimentos estão alocados a nós, mais nós os reconstruímos, pondo muito de nós mesmos nas recordações e nas vivências e alterando o contato ingênuo e primitivo, para chegar ao extremo de os modificar quase por completo, segundo essa espécie de "capricho" tão particular à vida psíquica, que "fabrica" o mundo em que quer viver e já não vive mais no mundo em que o ente foi lançado. Sem isso não haveria hipótese, arte, estética, ótica, amor ou ódio. Mas não podemos, nem devemos permitir que o prato da balança se incline sempre para o mesmo lado, o que só se consegue, consultando a Razão, cuja sede reside no Ego. A Razão deve ser cultivada para favorecer o conhecimento consciente, para moderar as paixões ou deixá-las expandir-se, mas se cair na irresponsabilidade, que leva ao esquecimento ou no abandono dos compromissos, entregando a Razão aos exaltados e aos fanáticos, aos apáticos e ausentes e até aos sábios que se tornaram ignorantes por excesso de sabedoria, quando também sabemos que sábios há porque são ignorantes e ingênuos. Disse haver uma moderação e equilíbrio entre os fatos conhecidos pela experiência direta e os conhecidos pelas nossas hipóteses e fantasias que vão além dos nossos sentidos, seduzem-nos com maior força do que a do conhecimento em si, e desviam para caminhos que criamos, afastando-nos dos caminhos que na existência nos foram dados, por razões transcendentais cuja gênese racional desconhecemos por completo. O nosso verdadeiro conhecimento e o da nossa felicidade decorre da pesquisa e de desenvolvimento do nosso pensar, que

pode organizar-se de muitas maneiras, mas que só tem mais estabilidade e duração quando se constrói com aquilo que o nosso olhar colhe das duas procedências: 1) da que nos é dada como seres naturais que somos e da nossa transcendência e 2) da que nos foi proposta pela cultura após o "segundo nascimento".

O problema voltado para si próprio está mais ligado com os problemas da identidade, o olhar voltado para o que procede da cultura, favorece identificações; mas também revela identidade.

CAPÍTULO II

O problema da coisa dada

1. O problema da "coisa dada" está na raiz de todos os acontecimentos relacionados com a identidade.

2. Não se limita às idéias pré-existentes e reveláveis de Platão.

3. Coisa dada tem aqui sentido dinâmico. Não está feita só para ser revelada, mas para ser conquistada como acontecimento da vida.

O "splitting", isto é, a condição humana de carregar com algo que vem consigo desde a gestação, é uma coisa dada, que se separa daquilo, vai sendo adquirido. A coisa dada tem que acontecer pelo simples fato de existir a vida. Está presente enquanto a vida dura. Não é evolução, é mais que evolução. Evolução é apenas o que se conhece da coisa dada ou uma das latências dela reveladas.

O "splitting" é, pois, precoce: a primeira modificação grave da vida: a passagem da vida intrauterina para a extrauterina determina o "splitting" inevitável, que não é entre objeto bom e mau, mas o que ocorre é a revelação do fato inevitável de que a vida se passa e deve ser percebida em dois planos: a continuação do precedente que prossegue e o acoplamento e integração do recém ocorrido (o que não é o nascimento, mas a vida em outras condições). Há então uma fatal, mas nem sempre total complementação entre o que

procede (evidenciação progressiva de identidade) e o que sucede (sucessivas identificações, identificações que revelam ou ocultam identidade). Uma estrutura se faz em torno do núcleo que revela a identidade, combinada com as identificações propostas pelas circunstâncias externas que alimentam a vida. São fundamentais para a aculturação e para a socialização. O corpo se alimenta da matéria e a alma ou psíquico, daquilo que o meio psíquico, cultural e social oferece. É fundamental essa alimentação do psíquico pelo psíquico, porque gera condições e situações jamais existidas e sempre dignas de novas investigações. Daí o risco de se transpor os valores da identificação sobre a identidade e confundir uma com outra.

Não é difícil mostrar com exemplos a frequência como isso ocorre e considerar a necessidade de cultivar as identificações, sem perder a identidade. Dessa equidade resulta um equilíbrio e a noção de normalidade dinâmica com as variáveis necessárias. Essa noção é básica no desenvolvimento de qualquer tratamento analítico.

CAPÍTULO III

Aspecto clínico do problema

No curso sobre Psicanálise que o Prof. Bion proferiu em São Paulo em 1972, ele usou de uma frase adequada que sintetiza o que seja o trabalho analítico e que inspirou parte do que antes foi exposto.

Disse o seguinte: O paciente vem à análise e nos conta muitas coisas. Com isso põe-nos a par do que se passa para aquilo que nós lhe digamos, não o que queremos ou gostaríamos, mas aquilo que ele, não podendo dizer a si próprio, espera que nós lhe digamos. Em outros termos: o paciente sabe que tem comunicações importantes para fazer a si mesmo mas não sabe o que, nem como o fazer. Sem o saber vai legando poderes para que o façamos no seu lugar. É esta limitação do conheci-

mento e vivências, que gera neurose e psicoses, muitas vezes, porque essas próprias partes não se lhe integram, outras podem substituí-las, obscurecendo muito mais o caminho da revelação da identidade, que sempre mais é substituída por identificações, que podem ou não ser adequadas e oportunas. Estão aí, próximas, idéias pré-existentes de Platão. Como estas, as do paciente devem ser reveladas. A Psicanálise introduziu um comportamento que faltava. É o reconhecimento da indispensável cooperação do paciente para que o que deve ser revelado, se revele. Não é uma revelação passiva, dada, mas buscada, quer pela experiência da vida, quer pelas sucessivas decepções nos projetos falhos e, finalmente, através da análise. A Psicanálise é o novo aspecto e o mais importante de muitos dos descobrimentos da cultura ocidental. Se Platão diz que já nascemos sabendo e que a vida e a cultura revelam e nos dão consciência disso, ele o faz de um modo precário, pois coloca os termos do problema platonicamente, isto é, sem destacar o esforço ou o empenho que cada indivíduo precisa fazer para conquistar o que é seu. No exercício da prática clínica aprendemos que não basta amar, odiar, querer, recusar, saber apenas etc... São expressões platônicas ou genéricas, próprias de qualquer ser humano. E isso não vale muito. Não vai além de uma informação, sem sentido específico. Este se encontra numa segunda afirmação, que requer da pessoa uma certa ênfase na qual ao fato já expresso se acrescenta o toque pessoal ou específico, "o segundo tom", como costume dizer. Dever-se-ia expressar, então, da seguinte forma: amo, amando; odeio, odiando; quero, querendo; recuso, recusando; ou sei, sabendo.

Na primeira versão não há identidade totalmente consciente, mas vaga e quase impessoal; na segunda, robustece-se a identidade e conseqüentemente a responsabilidade. Platão, Sócrates, a própria filosofia judaico-cristã afirmam que a vida

é um bem que nos é dado para que zelemos por ele. É insuficiente e anódina esta síntese. Seria mais certo se pudéssemos dizer que a vida é um bem que nos é dado com o poder de fazer definitivamente nosso o que já é nosso porque vem da identidade, e eventualmente nosso, o que não é nosso por identidade.

Sabemos que muitos enganos e mal-entendidos podem ocorrer na vida de cada um. A Psicanálise deu o passo gigantesco de revelar uma pluralidade de verdades não genéricas, mas pessoais e específicas, através do esforço que cada analisando deve fazer para tornar o que já é seu, definitivamente seu. Quanto mais completamente isso se faz, mais sólida é a identidade e mais dispensáveis são as identificações, fontes freqüentes de insegurança e da pseudo-segurança.

Esses comentários devem ter algo de verdadeiro, pois repercutem sobre uma nova significação da transferência: ela se fez numa análise, não tendo como alvo o analista, mas o próprio paciente que busca o que é seu no analista, porque supõe não o possuir em si e, sim, o analista. Este, por sua vez, quanto mais revela ao paciente o que é seu inconscientemente, menos vezes e menos freqüentemente é alvo da sua voracidade. A relação infantil explicada pela transferência depende do fato de que desde a infância cada pessoa procura o que é seu bisonhamente em outrem (pais, adultos, representantes da cultura), porque não tem amadurecimento, nem experiência forjada pela cultura para saber que o que mais precisa e o que lhe é mais útil está dentro de si. Está muito próximo do útero para avaliar o que traz de lá (identidade) e muito poderosamente envolvida pela cultura para poder saber que lhe oferecem muito mais coisas desnecessárias do que as que já tem em seu poder. Está envolvida por identificações.

Repassemos agora os sucessivos esforços de Freud e seus seguidores a procurar uma pedra angular básica que daria uni-

dade aos conflitos psíquicos que levam às neuroses. O traumatismo sexual (Freud), a inveja primária (m: Klein), a agressividade (seguidores de M. Klein) e arrogância (Bion) nunca nos pareceram representar uma base para suportar o edifício psicanalítico. Agora, que revimos o problema da identidade e da identificação, não cremos que haja base tão simples e restrita com a sobrecarga de desempenhar também uma espécie de pecado original. Não: a Psicanálise está baseada num problema essencial, que é a própria vida humana no seu todo, composta segundo o modelo do homem contemporâneo. Identidade violentada e não favorecida, identificações que nos confundem com aparência de verdade, se mais não houvesse isso só já bastaria para gerar inveja, hostilidade, angústia sexual e arrogância que se apresentaram aos pesquisadores dessa linha como origem primeira quando, na verdade, o conflito básico, presente, e futuro, é o impacto resultante da identidade sacrificada, de uma maneira ou de outra, ao defrontar-se com as identificações sugeridas, propostas e impostas pela complexidade crescente da cultura humana.

Uma das nossas dificuldades foi admitir as origens más (instintiva, egoísta) do homem. O próprio vocabulário psicanalítico deixa transparecer essa versão. A investigação orientada no sentido de também valorizar partes boas, que se opunham e operavam em concomitância com as más, atenuou as nossas desconfianças. Finalmente, ao refletir sobre o antagonismo freqüente entre identidade, que nasce com o homem e identificações, que o seduzem e desafiam, pensamos ter encontrado a fórmula mais tolerada: a origem do homem é boa, tão boa ou tão má como a natureza; nem mais nem menos do que ela. Assim também sua inteligência e sentimentos. O mundo, esse sim, lhe oferece uma fonte perene de problemas e conflitos, que se estendem até o seu mais profundo âmago, a ponto de fa-

zer admitir enganosamente que lá tenham tido sua origem. No romance de Jacob Wassermann "O Caso Mauricius" um velho carcereiro responde ao filho do juiz das instruções originais, que revia o processo julgado por seu pai, condenando a longa prisão o personagem, embora não houvesse prova suficiente para tanto — que o comportamento do prisioneiro era exemplar. E depois de outros comentários, acrescentou, mais ou menos, o seguinte: "No útero de sua mãe ninguém é criminoso, assassino ou perverso." É verdade, isso ocorre no ciclo seguinte iniciado com o nascimento.

Que as tentativas de busca tenham sido parciais, parece verdadeiro. Da mesma forma que antes da classificação de Lineu estudavam-se primeiro as espécies animais, para só mais tarde, com a maior visão desse gênio, reconhecer que, antes das qualidades específicas (da espécie), havia outras gerais (do gênero), assim também, no campo da Psicanálise, muito se estudou no nível da espécie (traumatismo sexual, inveja primária, hostilidade, ataque, destruição e reparação), o que não deixa de ser compreensível. Pensamos, no entanto, que, partindo dos problemas que se originam do conflito entre identidade e identificação, podemos rever todos os problemas a partir do gênero para a espécie e não em direção contrária, que é o que tem sido feito com evidente predominância.

Mas o caminho não podia ser outro. Foi preciso que muitos olhassem o tema, descobrindo partes, que pareciam englobar o todo ilusoriamente. Agora podemos fazer o mesmo caminho pelo reverso, começar pelo todo e encontrar as partes verdadeiras através de detalhes pessoais, tão variados e múltiplos que nem em sonho podemos imaginar. Alongaríamos demais esse trabalho se o quiséssemos ilustrar com exemplos clínicos. Já o fizemos sem deparar com contradições irremovíveis.

CAPÍTULO IV

Identificação da Identidade

Aprendemos com Kátia, uma criança no primeiro ano do curso secundário, que a Igualdade tem três propriedades:

a) reflexiva: aquela pela qual cada elemento é igual a si mesmo;

b) simétrica: pela qual, sendo a igual a b , então b é igual a a ;

c) transitiva: pela qual, sendo a igual a b e b igual a c , então a é igual a c .

A Identidade só tem uma propriedade: a reflexiva; isto é, a Identidade é somente igual a si mesma.

Concluimos, pois, que a Identidade é uma desigualdade, pois só tem a propriedade reflexiva e não as outras.

"O homem possui um número imenso manifesto de fontes independentes de impulsos. Muitas delas remontam a um programa de comportamento adquirido durante a filogênese, os "instintos". Comeríamos um erro, e esse o cometi antigamente, descrevendo o homem como um "ser-de-instintos-reduzidos". É verdade que, no decorrer da evolução dos organismos em busca de uma capacidade maior de aprendizado e compreensão, longas cadeias de reações inatas, formando circuitos fechados, se decompueram, acarretando a perda de conexões indispensáveis. Assim o indivíduo ativo pode dispor de elos independentes dessas cadeias... Simultaneamente cada uma dessas frações independentes, agora disponíveis, transformou-se numa fonte de impulsos autônomos e desenvolveu um comportamento de apetência própria, em busca de satisfação".

(Cf. Leyhausen, págs. 18-19 — Konrad Lorenz — "Civilização e pecado". — Ed. Artenova S/A — 1974).

"Diante dessa multidão e dessa promiscuidade nosso amor pelos outros se desgasta a tal ponto que o perdemos de vista".

(.....Idem, pág. 27).

“Quanto mais somos levados a viver na promiscuidade das massas, mais cada um de nós se sente acuado pela necessidade de “not get involved””.

(.....Idem, pág. 27).

Conclusão: A Psicanálise é um acontecimento que só poderia ter surgido na época contemporânea.

Desde que começamos a pensar neste trabalho usamos os dois termos — Identificação e Identidade — sem lhes emprestar a significação que agora queremos adotar. Identificação é também o ato de identificar alguém ou alguma coisa; é esse o significado com que vamos lidar, e não de *identificar-se a*, usado até agora. Não é difícil, por outro lado, saber que há identificações já feitas, ou por fazer, e que precisam ser reveladas, identificadas. Desde o começo desta exposição o problema da identificação da identidade nos acompanhou como a luz que “*criando a sombra do objeto iluminado, sobre a sombra conduz a atenção e já nem mais cuida do objeto ou da própria luz que o ilumina*”.

Como o objeto representa a “Identidade”, de onde se origina a luz que o revela? Vimos que a Identidade tem as suas relações mais estreitas e centrais com o Ego e as Identificações se colocam mais tarde ao redor da Identidade, podendo obstruí-la ou substituí-la. Suas posições são, na origem, periféricas e, segundo o nosso modelo, podem migrar para áreas secundariamente adquiridas, com um colorido de usurpação. De onde vem essa luz, repetimos? O Ego, além do poder de iluminar, se ilumina e o faz caprichosamente, segundo capacidades e intenções específicas. Não é um} iluminação só para iluminar, mas para iluminar o que convém à sua estrutura ou compromissos, necessários e oportunos no momento; de acordo com o meio interno ou externo que o cerca; com seus compromissos, suas conveniências, no estado de desenvolvimento em que se encontra; e com um fim próprio não expresso, mas permanente,

não revelado, mas implicitamente almejado. O Ego tem a sua vida entre o pólo de origem e o pólo para onde se destina e não existe entregue a acasos passados, presentes ou futuros. Estamos a hipertrofiá-lo no seu papel, mas é como o vemos. No homem contemporâneo, não é o Id a peça principal do aparelho psíquico, mas o Ego. Conduzimos para esse ponto, surgiu a pergunta: como é o Ego do homem contemporâneo? Já vimos que é hipertrofiado para atender às solicitações de um mundo cada vez mais complexo e cruel, que lhe vem exigindo uma presença que se lhe transforma num grande e grave perigo. Tais solicitações determinaram o aparecimento de áreas distintas segundo determinados fins. Não falamos de funções do Ego ou de mecanismos de defesa, mas de áreas distintas e até certo ponto bem caracterizadas.

A primeira delas é a área operacional. A idéia de área nos ocorreu em consequência de reflexão segundo a qual há uma grave incompatibilidade entre as condições e necessidades humanas e o meio em que vivemos, resumidamente, o mundo. Este nada tem a ver com as necessidades humanas e de cada um dos seus representantes. O homem não pode viver do mundo ou no mundo como ele é, precisa transformá-lo para que o sirva nas suas necessidades. Suprimindo qualquer ilusão, ambos são constantemente inimigos. É fácil imaginar que o homem, animal pensante, que reconhece sua vulnerabilidade, não se propõe a ficar exposto a fatal destruição, se enfrentar a natureza sem alguma cautela. Não se expõe, pois, globalmente, ao embate. Uma parte do Ego, consciente dos riscos, é destacada para o primeiro contacto com o mundo desconhecido, natural ou humano, e lida com ele. A essa parte poderemos chamar operacional. Opera e com isso informa o Ego do que ocorre e guarda novas informações dessa parte para o prosseguimento de sua tarefa.

Há, na porção restante do Ego, uma

outra parte destacada, que poderíamos chamar Ego contínuo, em estreita ligação com a anterior e também ligada com outras áreas específicas do Ego global, das quais, até o momento, podemos destacar, pela sua importância, uma só, cuja função logo descreveremos.

A esta daremos o nome de área livre. Área livre não é aqui equivalente à significação de Hartmann: parte do Ego que permanece livre das influências do Id. A área livre que aventamos funciona como a própria sede da liberdade. Em suma, o homem não é totalmente livre, mas há no seu Ego uma parte elevada com funções vizinhas às do superego, mas livre, capaz de deliberar e determinar a ação, por conta própria. Não está nas periferias do Ego, mas no seu íntimo, fora da influência da área operacional, mas periférica.

A área contínua do Ego compreende quase todo o resto do Ego e tem por função receber informações que vêm da área operacional do Id. Mas principalmente está ligada ao crescimento psíquico ou maturidade, ao crescimento de experiência, à experiência estocada e à capacidade de previsão. Graças à sua influência, o Ego, pela sua área operacional, não age louca e arbitrariamente, mas oportunamente e selectivamente e coopera para que a unidade da área contínua do Ego possa manter sua função básica que é a sustentação da unidade e continuidade da vida psíquica, elemento fundamental para a integridade da ação egóica. O Ego, através dessa área, já é moral, mas dotado de uma moral prática e daquela moral que procede da síntese da própria experiência e para a qual a rigidez não é atributo principal, mas a harmonia e a adequação. E o Superego? A este se atribui uma gestão moral, que seria no conceito clássico muito mais importante ao Ego do que se forma pela experiência, pelo próprio conhecimento e sofrimento, pela própria alegria e própria dor. É aquela uma moral que vem de fora, estranha à essência do Ego, enxertada; mais inconvenien-

te do que conveniente. Teria por função estabelecer submissões à regência sobre os objetos e as situações externas. Grande arte da moral religiosa, cristã, a que Nietzsche verberava como a moral de escravos, é desse tipo. Do nosso ponto de vista esse filósofo foi levado à acusação direta, porque não teria pensado no outro tipo de moral, que seria a moral própria aprendida da experiência. É a este tipo de moral autônoma, própria, que apelava São Paulo, o Apóstolo, quando empregou a expressão Alter Cristo (outro Cristo), que é no que se devia transformar um cristão. Uma conversão ao Cristianismo, segundo o apóstolo, devia transformar o pagão ou descrente em outro Cristo e não se limitar em ensinar o Cristianismo ao ateu. Na segunda versão seria injetar-lhe a moral cristã, na primeira seria submetê-la às experiências da vida que lhe despertariam o comportamento cristão, porque elas se associariam, no mesmo nível e não em nível diverso à própria vida do candidato à conversão. As experiências pessoais e religiosas teriam sede comum em área contínua do Ego. Se isso se consegue, o Superego não é uma instância do Ego, segundo o conceito clássico, mas uma função importante, que vai robustecendo-se à proporção que é delegada à área contínua do Ego, que é moral por si própria, depositária desses dois tipos de moral: aquela com que nascemos, no começo nebulosa e disseminada, e aquela decorrente das influências da cultura, injetada e que deveria ter função provisória para ser substituída pela moral adquirida na nossa experiência conosco mesmo e com os objetos e acontecimentos do mundo externo ou da cultura. Daí se pode acreditar que ninguém faz ninguém moral, mas o que mais se pode desejar ou pretender é que as ações, bem ou mal sugeridas, provocam ações correspondentes da pessoa visada e esta fará, graças a sua área operacional, influenciada e registrada pela área do Ego contínuo, a sua própria moral. Não estamos

certos que nos fizemos compreender completamente. A hipótese não nos surgiu pronta no primeiro momento, mas foi elaborada no desafio constante da experiência. Não fora isso, nem a exporíamos. Não é nossa crença que possa ser aceita logo no primeiro impacto, quando sabemos que cada leitor já está comprometido nas suas concepções próprias ou adotadas. Todavia ela nos permite explicar várias situações insolúveis, freqüentemente levantadas e que são o prato forte nos banquetes dos sofistas, como logo veremos.

No que se refere à experiência específica fornecida pela Psicanálise, não há dúvida sobre esse fato bem conhecido, de que as modificações mais freqüentes e evidentes no decurso do tratamento são as decorrentes da dinamização e diminuição da severidade do Superego. Na Revista Internacional da Psicanálise, no número dedicado ao 50.º ano de sua publicação, vários artigos foram publicados sobre o progresso havido na Psicanálise. Havia unanimidade em reconhecer a evidência do fato apontado, não acompanhada do reconhecimento de grandes progressos em outros setores da matéria. Não é difícil acreditar que todo analista tenha feito a mesma experiência. Do nosso ponto de vista, é esse Superego injetado, de origem externa, que se abranda primeiro e seguem-se as melhoras. Mas aquela parte moral não isolada no Ego, mas difundida nele e acompanhando toda sua evolução (passado, presente e previsão futura) oferece maiores resistências como se observa nas neuroses de caráter, nas quais a área contínua do ego foi destorcida continuamente, junto com a experiência em formação.

Ha poucos meses, Isaías Melsohn apresentou um interessante trabalho na S.B.P. de São Paulo com o título: Crítica à noção do Inconsciente. Citou o famoso exemplo de Sócrates quando interroga sobre a coragem.

“Sócrates: E corajoso o homem que

deixa a sua casa, família e bens; arma-se e vai combater pela pátria?

Resposta: Sim

“Sócrates: Mas se esse homem se opõe à violência e é contrário às guerras e, por isso, fica em casa e enfrenta a ira e a punição do rei, é esse homem corajoso?

Resposta: Sim.”

O diálogo é mais ou menos assim, he-maiêutico, deixando-nos até patéticos. Sua lógica reside na apresentação global de aspectos semelhantes, mas contraditórios. Diria que o desafio nele contido, como ocorre com os sofistas, põe em movimento a nossa mente, no seu todo. Considerando o desafio do todo contra todo, não há solução correta. Considerando, no entanto, as partes do Ego-Superego, veremos que a contradição está dentro da própria pergunta, é a mesma em ambas e não resulta do confronto de uma contra outra. Seria como diz Camões: “O recado que trazem é de amigos, mas debaixo o veneno vem coberto; que os pensamentos eram de inimigos segundo foi o engano descoberto”. Não resistimos em prosseguir, tal a síntese de toda a vida, nos quatro versos seguintes:

“O grandes e gravíssimos perigos!

O caminhos da vida nunca certos!

Que, aonde a gente põe sua esperança,

Tenha a vida tão pouca segurança”

(*Os Lusíadas* — Cant. 1.º C.V.)

A pergunta, considerada pelo prisma da divisão do Ego como vimos analisando, opõe duas funções que procedem de áreas do Ego, opostas, que são úteis quando convergem numa síntese afirmativa. Quando a convergência é para a síntese negativa, funciona como um desafio que mobiliza a imaginação para criar novas soluções. Nas duas perguntas propõe-se uma ação atribuída à área operacional

do Ego: "ir para a guerra" e "ficar em casa" e uma outra, que é o meu poder pessoal, adquirido por múltiplas formas de experiência de origem interna, mas principalmente externa, cuja sede está na área contínua do Ego que provém da "área operacional" — A deliberação do que devo fazer na minha intimidade. Se tudo se restringisse a isso, à deliberação do foro íntimo, seríamos livres e morais.

Mas interfere a ordem do rei, cujas razões são aparentemente as da nação, frequentemente encobridoras das próprias que perderiam a ênfase se fossem apresentadas como tais, ou exaltariam a ênfase criando uma livre escolha, absoluta e verdadeira somente da parte do rei, que faz dos cidadãos instrumentos enriquecedores da sua área operacional enquanto suprime em cada cidadão a área operacional que se originou de necessidades pessoais intransferíveis, em face de todas as adversidades no decurso da vida de cada um. Numa moral facciosa, uma questão como a de Sócrates não se propõe para ser resolvida, mas apenas para ser conhecida. É conhecida a complexidade da vida humana, que caminha desde que os nós gordios sejam simplesmente cortados operacionalmente e não desatados engenhosamente com a boa doutrina da colocação psíquica, única capaz de nos revelar a existência de uma área livre dentro do Ego. Aqui, como já dissemos, não empregamos a expressão "área livre" do Ego no sentido de Hartmann, mas "área livre do Ego", sede da liberdade, onde ela é criada e encontrada em pureza. O homem nasce livre, mas não pode começar a vida livre, devido à sua fragilidade e dependência. Vive a vida toda à procura da liberdade perdida e não se dá por feliz quando encontra fragmentos dela. Ilude-se, racionaliza para não encarar o fracasso, porque nada sabe de si, no seu interior. Desfrutar da área livre não se consegue enquanto atrelados à área operacional ou melhorar, enquanto a nossa área contínua estiver comprometida, por moti-

vos pessoais ou sociais, com a área operacional. Somente desfazendo-se das necessidades desta, pode-se acreditar que a área contínua se aproxime e se enteneça com o que se encontra na área livre.

Seria esta uma das razões pelas quais somos, por origem e por natureza mas teoricamente apenas, livres, lançados no mundo e praticamente tendo a nossa vida confundida com a dos outros; a exuberância do apelo externo às funções de nossa área operacional cada vez mais nos distancia de nós mesmos, cada vez nos distancia desse poder privativo dos deuses, que não julga, mas decide, porque aí atinge concomitantemente a responsabilidade máxima e absoluta que o homem quase não conhece, porque, no plano operacional, ela praticamente não existe.

Recordemos, de novo, Kant e o imperativo categórico ("Não mentirás" etc...). Há dois componentes na mesma proposição. Um operacional: consiste em não usar a mentira e não operar mentirosamente: é uma ação, e como tal, exercida no mundo externo. "Operar" e as causas para assim agir pertencem à macropsicologia. O outro componente é interno, origina-se da área contínua do Ego e da sua parte mais avizinhada com a área livre. As áreas de onde procede cada um dos componentes são heterogêneas e não se obrigam a uma superposição igual e constante. Somente quando a ordem de procedência interna se superpõe à exigência e à possibilidade da operação prática, o encaminhamento dos fatos se faz em linha reta; não há o conflito e a razão moral não é invocada. Há continuidade e harmonia entre a macropsicologia e a micropsicologia. Mas o nosso problema é que a investigação se faça sempre na direção centrípeta para que o interior do homem seja mais bem conhecido. Porque uma ordem, legitimamente pronunciada, dirige-se a uma ação ilegítima, se for consumada? No nosso modo de ver, isso resulta da indisciplina dos planos. O pronunciamento que não tem os compromissos da ação

prática dirige-se à área operacional, soberano e irreverentemente mas ignorando o que se passa fora da sua jurisdição. O conflito é inevitável como se comprova pelas conseqüências.

Portanto, para menos vezes incidir na incompatibilidade, resta-nos um único recurso: aprender com a experiência, que é extensiva e cumulativa, não seguir normas, que funcionam como peças isoladas com força na pronúncia, mas sem solidez ou segurança na execução.

Junta-se um outro problema: o da Responsabilidade (responsability, Verantwortlichkeit): "é a possibilidade de prever os efeitos do próprio comportamento e de corrigir o mesmo comportamento em tal previsão". Difere de imputabilidade (Zurechenbarkeit), que "significa atribuição de uma ação a um agente como à sua causa. "A noção de responsabilidade é baseada na noção da escolha e a noção de escolha é essencial ao conceito de liberdade limitada. Pois é claro que, no caso de necessidade, a previsão dos efeitos pode influir na ação e tal previsão não toleraria alterações na ação, no caso de liberdade absoluta, o que tornaria o sujeito indiferente à própria previsão. Não basta avaliar a responsabilidade pelas conseqüências das ações. No sentido psicanalítico ou da micropsicologia, devemos tentar encontrá-la nas suas origens, isto é, na direção centrípeta, quando sabemos que a regra fora da Psicanálise é captá-la nos termos adiantados do ato psíquico, isto é, na direção da macropsicologia ou centrífuga.

Está mais exposto ao critério da responsabilidade o produto psíquico gerado na área operacional. O imediato resultado da ação acompanha-se de avaliação responsável. Mas é esta uma responsabilidade externa, macropsicologia. O psicanalista deve saber mais sobre a responsabilidade interna, gerada na área contínua do Ego. Já não se trata de ação responsável, mas dos sentimentos e pensamentos responsáveis. Responsável aqui se acom-

panha de uma avaliação extensa, pelo que já foi vivido e sentido, embora não fosse aferido operacionalmente. Cristo disse: "Só de pensar já pecaste". Tanto mais essa responsabilidade se incorpora na identidade, mais fácil se torna identificá-la. A identidade psicológica não anda só. É irmã siamesa da Responsabilidade. Sem esta, aquela quase se apaga, porque perde o interesse social e banaliza a identidade.

Em nenhum lugar mais do que no campo da Psicanálise se pode identificar a Identidade, quando se conta com os atributos que se lhe incorporam, como agora estamos tentando provar através da Responsabilidade. Numa análise não tem valor a Responsabilidade pronunciada, mas a revelada. Por ela se pode chegar mais junto da Identidade e é tarefa das maiores para o psicanalista não deixar diluir no mar das livres associações a Responsabilidade. Se essa infelicidade ocorre, surge irresponsabilidade bilateral, e as Identidades de paciente e analista são idealizadas e não identificadas.

Através da análise o paciente tem sua Identidade identificada e também identifica a Identidade do seu analista, testando sua Responsabilidade. Se no período freudiano e logo após a época as associações livres e a posição em decúbito dorsal no divã eram exigências básicas de técnica, subentendia-se que o próprio processo analítico estava investido de Responsabilidade. Hoje, admitimos que essa técnica com propósitos de favorecer o processo faculta o escapismo da responsabilidade pela falta do encontro dos olhares, que nos parece tão relevante.

Instintivamente fazemos uma aproximação daquela técnica com a crença predominante da origem má das motivações humanas. É como se pronunciássemos a frase: "Deixemos que não se exponha o que não se quer mostrar e vejamos somente aquilo que foi desejado que fosse visto". O resto cabe às interpretações. A formulação pode ser admitida quando se

dá um poder mágico à interpretação. Que ela tem um grande poder revelador e mobilizador, não resta dúvida. Todavia, atribuir-lhe tanto poder, desassistida de uma maior e mais viva contribuição que se pode colher como dado imediato da observação, é incorrer na ilusão de que ela é todo poderosa (onipotente), que teria o poder de sintetizar sem todos os dados de conhecimento de que se poderia valer. A seguir, vêm os riscos das fantasias interpretantes, subproduto do propósito de interpretar as fantasias. E as Identidades não são reveladas, mas substituídas no mútuo acordo ou desacordo do que foi possível fazer, resultando pseudo-Identidades, que substituem identidades não conhecidas, do período anterior ao começo da análise.

Ainda uma palavra sobre a terminologia analítica. Não nos vamos estender. Não há necessidade de grande esforço para se perceber que é uma linguagem dos adultos para falar das emoções da criança, ou da macropsicologia para falar da micropsicologia. É uma linguagem do adulto mau predominante. O bom é o que se procura encontrar (agressão-reparação). Se falarmos na área de liberdade do Ego, o critério de valor dessa terminologia se esvanece, porque a liberdade não tem qualificativo: não é boa nem é má. Apenas precisamos que exista. Mas é inútil querer encontrar a liberdade do lado fora (macropsicologia). A dificuldade, às vezes invencível, é transportar-se para a área interna, onde ela se encontra, depois de vencer os obstáculos da área operacional, e a seguir, a área de continuidade do Ego, também marcada dos rebates da área operacional à qual se liga por um lado e, pelo lado oposto, a área livre do Ego.

Quando falamos em identificação da identidade não nos preocupamos com as qualidades do identificado, pois isso não é tarefa da análise e, sim, descobrir que (original) está dentro de qual (produto ou composição da cultura). Desejamos co-

nhecer o conteúdo que devia ter sido continente, atravessando o continente que só por influências passou para o conteúdo.

Citamos aqui um trecho do romance "A Sibila" de Augustina Bessa Luiz, na pág. 167: "Nada pertence ao homem do que lhe é dado aceitar, nem o seu destino, nem a sua aptidão, nem a sua fé, nem a sua alma. Tudo ao homem entrega e dele recebe a sua própria consciência". Acrescentamos: Consciência, essa luz do próprio Ego que ilumina a si e ao seu mundo. Nada importaria o Id e suas funções se não houvesse Ego iluminado e iluminante. E a mesma autora, na pág. 169, depois de referir que há razões conjuntas e contraditórias em certas pessoas tão fortes, mas tão raras, acrescenta: "Ao pé das quais a razão do homem, os seus mundos construídos e destruídos, bloco por bloco em barro e em nuvem, a sua arte e a sua ciência, os seus dogmas e as suas leis, não passam de superficialidade e de burla".

É o que acontece a quem, percorrido largo percurso, respira o clima da área livre do Ego. A criança começa por conhecer essa área livre do Ego.

A presente crônica, ao lado da arte literária da autora, revela a liberdade que se respira na área livre do Ego franqueada às crianças mas destinada a apagar-se, à proporção que a influência da cultura impõe sua ordem e disciplina, para a grandeza da macropsicologia e apagamento da micropsicologia.

15-12-67. Esta é a crônica, elaborada sobre um caso que lhe contamos, de Helena Silveira: "Passeio com Vera".

"Enfim, estava na hora de irem embora. O sol cumpria o seu papel domingueiro, falcando os cascalhos, refletindo ouro no lago, envernizando folhas verdes. Os sócios do clube iam para os salões jogar, beber, entreter estafantes conversas. A luz baixando marcava o instante do retorno.

— Vamos, Kátia?

O avô chamava a criança entretida em correr no gramado.

Ela freou seu galope eufórico beijado dos primeiros ventos frios vindos da represa e renunciando a noite. Com os cabelos em desalinho apresentou-se ao homem.

— Não posso ir sem Vera. Ela vai para a casa dos pais também!

— Pois então chame a sua amiguinha. Nós a levamos.

— Vera está aqui.

O avô olhou: a menina apontava o gramado vazio e verde, brilhando aos longes de um resto de luz, aquela que o caboclo chama de sol das almas. É quando a noite não desce por completo igualando em escuridão toda a paisagem. O que fica em destaque, aclarado por uns restos minúsculos de dia, é assim designado.

— Vera não está aqui. Vá chamá-la.

— Está sim. Você é que não sabe ver. E a menina estendeu a mão a um imaginário personagem. O avô compreendeu e anuiu.

— Muito bem. Levamos Vera. Mas onde ela vai ficar?

— Os pais moram na Avenida Paulista.

O homem cuidou que a Avenida Paulista ficava um pouco fora de seu itinerário mas que era imperioso levar Vera.

Foi conciliatório:

— Vera tem uns parentes que moram no Ibirapuera. Pode-se descer lá...

Kátia pareceu cordata na exata medida do avô. Assim os três, ela, o homem e a invisível mas toda presente amiga, tomaram o carro. A menina deve ter feito Vera passar à sua frente e creio que teve o cuidado de não amassar o seu vestido. Entretiveram, possivelmente, conversa sobre borboletas e bonecas, Papai Noel e coisas correlatas. Ao lado, o avô, por certo, ouviu aqueles graves comentários. Foi um passeio a três, pleno de um profundo e magnífico entendimento. Muito, muito mais tarde, quando for mulher feita, Kátia há-de lembrar-se dele e a lembrança

vai aquecer-lhe o coração, pois que a fantasia de uma criança é a sua mais autêntica realidade. Em sua casa, talvez, os outros adultos zombassem e pusessem em dúvida a existência da vida fantástica a correr paralela à sua. O avô aceitou seus duendes e chegou a vê-los. Depositou Vera no Ibirapuera e ainda teve a gentileza de indagar se a amiga seria levada à casa pelos parentes. Kátia assegurou que Vera era muito esperta e sabia se virar.

Todos nós idealizamos nossos amigos e nossos amores. Desenhamos na medida dos nossos desejos o amigo perfeito, o perfeito amante. Mas temos a imprudência de jogar nosso sonho sobre a criatura real, que, via de regra, trai a idealizada. A criança é muito mais sábia: sobre o Nada ela constrói sua arquitetura. Visualiza seus fantasmas, senta à mesa com sonhos corporificados. Faz de um raio de sol a espada de um anjo. Aliás, falando em anjo, a criança ouve-lhe a voz.

Quando o anjo silencia é que o adulto desabrochou e perdeu o paraíso (área livre). João Paulo me disse que tomou um avião e se atirou no ar como um pára-queda. E se nós não vimos a façanha é que somos uns pobres de Cristo, cegos para realidades essenciais.

Acrescentamos: É que precisamos da nossa área livre do Ego, o maior legado que deu a Natureza ao homem.

"La razon humana será un don divino, yo lo dudo, pero tuvo que ser inventada, descubierta por el hombre mismo" — A. Machado: *Inédito en Cuadernos hispanoamericanos*, 11-12, pág. 284; Antonio Tovar, "Vida de Sócrates", pág. 169.

SUMMARY: *Identity and Identification* — "Things, as they are, do not lead man astray, but our opinions about them. Death is not something terrible — since for Socrates it didn't seem to be so — but our representations of it." Epithet.

BIBLIOGRAFIA

Os trabalhos clássicos de Psicanálise, particularmente os que se ocuparam da identidade do Ego, foram o nosso ponto de partida. Todo o resto é um ensaio, inspirado em vários autores, em grau menor do que o desejado e apenas suficiente para que as idéias com colorido pessoal fossem postas em movimento.